

## 48

## CORONATENA

*Mateus Aparecido de Faria*<sup>72</sup>

Esquerda, esquerda, hmmm... esquerda, esquerda. Os dias passam devagar, em um ritmo diferente daquela música de outro tempo. Tempo este em que era possível se sentir isolado também na rua. Agora o isolamento permanece apenas em casa. Interessante que a sensação de estar isolado não é pelo óbvio – afinal moro, junto com meu marido, “de favor” em um apartamento possuído por uma felina, a Monique. Não parece com o estar sozinho, não lembra o estar solitário. É isolado mesmo. Não posso abraçar aquele amigo de infância que se tornou padrinho de casamento, nem aquela amiga que está na linha de frente contra o coronavírus. Fazer isso seria uma tentativa de (auto)extermínio. Por outro lado, ao olhar pela janela, por entre as grades que evidenciam o medo, me sinto isolado por não participar dos furos quarentenais, no qual pessoas saem às ruas sem máscaras, ou estão em ônibus lotados. Elas parecem bem, mas o meu privilégio de trabalhar em casa sem que o empregador me ameace de demissão ou de cortes prevalece e, portanto, quaisquer motivos para sair se esvaem por entre a sequidão do clima.

Esquerda, direita, esquerda, esquerda, esquerda. A chuva de *lives* que cai sem parar, quase me mata de tanto esperar: imagina se aquelas teorias quânticas que extrapolam a velha mecânica dos corpos age agora e a tela se torna um portal para minha reintegração social? Poderia, mas o futuro do subjuntivo sequestra qualquer indicativo de certeza. O verbo foi substituído por um substantivo na função de mediar a realidade: qualquer filme, qualquer conversa, qualquer contato é restringido pela quantidade de bateria que possui. Festival do Orgulho em casa, palestra sobre gêneros e sexualidades em casa, curso sobre direitos das pessoas dissidentes em casa, práticas naturistas em casa. Aqui jaz nosso lar.

Esquerda, direita, esquerda, muito direita, esquerda. O refúgio nos braços dele se torna o acalento em tempos pandêmicos. Seu olhar castanheiro, que brota amor, me desvia para o vermelho e preto, me protegendo do branco. A concha que se forma pela união entre a cama, o cobertor e nossos corpos é um antídoto para flagelos. As risadas, precedidas de referências (como amo referências!) apaziguam o que em mim chora. Já as patas dela se tornam o toque de Midas, que transforma meu desespero em calma. O cuidado em se aproximar aos meus pés me provoca um exercício filosófico de parar e observar. Seus miados sem

---

<sup>72</sup> Poc, 28 anos, casado. Belo Horizonte, Minas Gerais.

aviso preenchem o ambiente, quase como um Patrono que me protege dos dementadores que rondam o país. O ronronar – que verbo lindo! – que emerge de todo o seu corpo me impacta fortemente como o resvalar das folhas quando o vento trespassa sua copa e minha sala. Para terminar, o verde da Marcela, a samambaia, colore os espaços vazios de afeto. Em casa. Tais momentos são respiradouros para o caos das notícias que se resumiram em noticiar o caos e o governo da morte.

Esquerda, direita, direita, direita, esquerda. O que me resta é o computador, pelo qual vendo as obras de minhas mãos em troca do que mais valia antes, e a cozinha, por onde vago em busca de algo que me complete. E essa busca já completou sete quilos para o lado e para baixo. Essa soma de vetores resulta em uma curva tendente ao achatamento. Não do número de pessoas mortas, que já beira a uma função exponencial, mas sim da disposição em colocar meu corpo em movimento. Não quero sair do pouco conforto que tenho ao digitar caracteres sem fim e da mesa cheia de produtos que me esvaziam. Tenho a impressão que deixei os exercícios físicos no clube e, como ele fechou para proteção de todas as pessoas, não pude buscá-los. Já tentei achar um aplicativo que auxiliasse na recuperação deles, mas me disseram que não se aplica.

Esquerda, direita, direita, direita, direita (quero!). O prazer, o gozo, as experiências, as prosas de botequim se resumiram aos 280 caracteres de léxico sexualizado. O *nude* é o novo cartão de visita – até o tamanho é parecido. Se bem que alguns têm maiores que outros... De toda forma a barreira tecnológica, antes ultrapassada pelo encontro presencial, se torna o meio exclusivo do encontro. Será que encontro um encontro aí? Talvez tenhamos nos tornado o primeiro casal não-monogâmico não-praticante. Já imagino um documentário no *Netflix* contando o nosso exótico relacionamento. Mas aí me lembro de que especial não temos quase nada – a ordinaryidade de nossas vidas nos coloca em um lugar mediano, possível, facilitado de viver. Afinal, como é difícil ser espetacular. Não que em algum dia fomos. Não precisamos ser.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda. Ela atende ao telefone já perguntado se irei no próximo fim de semana. E há meses a resposta começa com um colóquio introdutório de apresentação da subfamília *Orthocoronavirinae*, seguida de um discurso breve sobre sintomas e riscos à saúde conhecidos da covid-19 e terminando com um *clipping* das principais notícias sobre o aumento do número de casos e o colapso de sistemas locais de saúde. Em muitas dessas vezes o espetáculo final é o choro de saudade, acompanhado de um saral de dor, medo e sofrimento cujo tema é uma mãe prestes a perder seu único filho. O que me cabe é desconstruir o roteiro e ensiná-la a usar a videochamada como garantia de que eu estou aqui, ainda que perdido em mil versões, só esperando a coragem ficar maior que a insegurança de pegar um ônibus intermunicipal.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda, direita. O mundo se prepara para voltar à normalidade. Como se fosse possível voltar através do tempo. Mas, aparentemente, dá para voltar através do espaço. Economias devem voltar. Comércio deve voltar. Escolas devem voltar. Trabalho deve voltar. O dever se torna o devir. Ter que reconstruir um cotidiano sem os mesmos recursos de antes é a ilusão do momento – as mudanças pelas quais passamos são diminuídas para que o *shopping Center* deva abrir. Normal é não morrer tanta gente por algo evitável. Mas hoje comprar presente para o Dia dos Namorados é o novo normal. Que de novo tem “só” a pandemia.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: esquerda, esquerda, direita, direita. Mas quem não quer bater perna por aí, farrear pelos rolês, que dê o primeiro espirro. A vontade de apertar o botão do Foda-se é grande – e conheço uma galera que me acompanharia nesse quebra-quebra do distanciamento. Confiar no visível ao alcance da córnea e deixar o vento me levar pelas ladeiras da cidade. O mesmo vento que transporta o visível apenas aos pulmões, nas cicatrizes que deixa, na falta de aparelhos respiratórios nas UTI. Volto-me para casa, para o isolamento: não quero que minha córnea veja isso.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: direita, direita, direita. Eu também sonho mais alto que drones. Porém é bem menos difícil voar quando suas asas são aceitas pelo bando. Bando de branco, macho, hétero, rico. Algum tempo atrás, quando era possível conversar com o rosto colado, uma pessoa me ensinou o significado de passibilidade. Sabe quando você anda na rua e as pessoas te percebem pelo que aparenta ser e não exatamente pelo que entende de si? Eu, por exemplo, posso não “dar pinta” que passo como hétero *topzeira*. Caso sua resposta tenha sido positiva, bem-vindo ao time de privilegiados. Isso é um resultado de atravessamentos que não temos culpa, mas responsabilidade e obrigação de aprender e agir diferente. Sejamos antirracistas, antimachistas, antimisóginos.

Direita, direita, direita, direita, direita. Outro aplicativo: direita, direita, direita. O que tanto busco aqui? *App* atrás de *app*, de loja digital em loja digital, de *stream* em *stream*. De estrangeirismos a neologismos, busco incessantemente algo. Cada deslizada para a esquerda, cada certeza para a direita, julgo corpos, aparências, interesses resumidos em *hashtags*. *Gamificaram* meu afeto. Tornaram-me juiz, advogado, executor e cliente da mesma relação. Parece que a tendência à direita não está só na tela trincada do meu celular. Talvez por essa via busco sair disso. Isso que não tem um nome visível, às vezes pandemia, às vezes isolamento, às vezes gripezinha que quando muito seria acometido (como ainda deixam esse cara livre?!).

A descoberta de seu verdadeiro nome permitirá que eu fique com o que mais amo?

– Rumpelstiltskin! Seu nome é Rumpelstiltskin!

Você pode imaginar que nada aconteceu. Certamente errei o nome – que bobagem pensar que histórias poderiam me salvar. Devaneios demais para algo que de mais sólido, se desmancha na poluição. Ar já não tenho. Emicida, me ensina a revidar. Cadê a força do brilho do sol em dias nublados de corvos? Nem de longe essas palavras rimam, quiçá *hit* de sucesso, mas igualmente um grito de socorro. Se acha que tá ruim porque estou no inferno, cuidado: aqui tem subsolo. Como faço para calar minhas cicatrizes, se elas me lembram quem cortou minha garganta? O troféu já é dele. O algoz me chamou para jogar em algo que comecei perdendo, cujas regras mudam para que eu não morra, mas defínhe. Produtivamente vivo, humanamente morto. Ano passado declaram-me morto, mas esse ano...

A bateria acabou.